



Reflexões sobre as Folia de Reis em Ribeirão Preto¹

Sebastião Geraldo²

Renato Márcio Martins de Campos³

Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp

Resumo

Este texto propõe uma reflexão sobre as manifestações culturais populares em Ribeirão Preto com enfoque à Folia de Reis, tradicional manifestação popular da região. A festa foi oficializada em Ribeirão Preto através do ato 6412/92 e lei complementar 9488/2002, fato que garante dotação específica para sua realização. Este caráter oficial já é uma adaptação ao crescimento das cidades e constante urbanização dessa forma de manifestação cultural tendo como perspectiva que consenso se constrói, preserva-se ou destrói-se nos processos culturais, cenários de confrontação entre o hegemônico e o subalterno, em um espaço de conflito e adaptação, em que a cultura subalterna *refuncionaliza* suas mensagens, adaptando-se continuamente ao seu cotidiano.

Palavras chave

Comunicação Regional; Culturas Urbanas; Cultura Popular; Folia de Reis

Introdução

Esta pesquisa busca identificar as formas de manifestações culturais, com enfoque às Folia de Reis, discutir como elas se apresentam e com quais características se inserem nas relações sociais numa região que apresenta múltiplas faces culturais. Considera relevante obter informações sobre a presença de festas com participação popular em momentos da história de Ribeirão Preto, como é o caso do Encontro de Folia de Reis, para entender como se dá esse processo no atual contexto de urbanização da região dessa manifestação que carrega fortes traços do Brasil rural.

A análise da cultura popular e a festa de Santos Reis em Ribeirão Preto, retoma elementos para o entendimento de aspectos da cultura, particularmente aqueles que

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Docente da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Pesquisador e coordenador do projeto mantido pela Unaerp: Comunicação e Manifestações Culturais Populares em Ribeirão Preto. Pós-Doutor pela Universidade de São Paulo, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. sebastiaogeraldosuperig@superig.com.br

³ Docente da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Pesquisador no projeto mantido pela Unaerp: Comunicação e Manifestações Culturais Populares em Ribeirão Preto. Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, Especialista em Teorias e Técnicas da Comunicação Social (FCSCL). Docente na Uniara. email: renatodecampos@yahoo.com.br



envolvem os processos de produção simbólica e o imaginário, como elemento definidor da identidade dos grupos de Folia de Reis remanescentes e buscando compreender como se expressa a visão que a comunidade tem de si e da sociedade e a relatividade da transformação e da mudança.

Pretende contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre as manifestações da cultura popular em Ribeirão Preto, em sua dimensão histórica, analisando suas relações com autoridades governamentais, meios de comunicação, além de conhecer e analisar as relações existentes entre religião, festas, cultura popular e sincretismo, apresentando e analisando o Encontro de Folia de Reis em Ribeirão Preto, que nos últimos anos vem ganhando contornos de um acontecimento midiático.

No decorrer do processo de investigação foi utilizado, como instrumento de pesquisa neste trabalho, entrevistas semi-diretivas com lideranças de grupos de folia de reis existentes em Ribeirão Preto e região, com a intenção de identificar na fala dos entrevistados as relações sociais existentes entre os atores do grupo, o papel que cada um desempenha, a percepção do indivíduo sobre seu papel no grupo e o que o grupo representa enquanto forma de manifestação popular. Das falas dos participantes, procurou-se identificar o que é comum e as diferenças dos grupos, quando de suas apresentações no Encontro de Folia de Reis em Ribeirão Preto.

Alem de contar com informações obtidas em entrevistas com foliões, devotos de Santos Reis recorreremos à pesquisa bibliográfica, que nos ajudam a compreender a presença das festas populares no atual contexto histórico. Buscou-se, também elementos das festas religiosas e populares em algumas regiões do interior do Estado onde, ainda, é marcante a presença de grupos remanescentes de folia de reis e da religiosidade popular.

Sobre a Cultura popular

Sabe-se que cultura popular é um termo ambíguo e com diversas definições e como já foi dito, “nem sempre abrange a profundidade, a complexidade e a amplitude de sentidos dessas formas de manifestações sociais, assim como dos processos e agentes que se articulam na elaboração e sustentação dessas ações” (GERALDO, 2007, p.1).

Nessas reflexões sobre cultura, o termo é concebido na sua amplitude dinâmica e histórica como um processo de conservação e renovação permanente que percebe o sujeito como produtor, consumidor e receptor de cultura em todo o universo social. Cultura não é percebida como algo passivo que exclui indivíduos pelo fato dele não possuir condições materiais de acesso aos outros lugares sociais de produção cultural.



Citando Ferreira, Geraldo (2007) afirma que consenso se constrói, preserva-se ou destrói-se nos processos culturais, cenários de confrontação de classes decorrentes da necessidade de superação de um *estado de cultura* existente para o *dever ser cultural*. Estes cenários de confrontação são as instâncias de afirmação das *classes subalternas*.

Para Gramsci a idéia de emancipação está diretamente ligada ao seu conceito de hegemonia⁴, “compreendido como direção moral e direção política de uma classe quando toma o poder (ou não) sobre as classes concorrentes e aliadas” (MARI, 2003, p.1).

Na concepção de Gramsci a *superestrutura* (plano da esfera ideológica e espiritual da sociedade) é mantenedora das relações de classes e o processo de dominação passa pelos mecanismos de hegemonia do estado e da sociedade civil. A superação da hegemonia só pode ocorrer com a emergência de uma contra-hegemonia pelos setores populares e por intelectuais, na promoção de uma nova cultura, que se apresentaria como contra-hegemonia.

Piccin (2010) argumenta que as indagações sobre a forma com que as relações de poder são engendradas *na e pela cultura*, o mecanismo com que as várias formas de desigualdades são produzidas e reproduzidas estão no centro da teorização de Gramsci.

⁴ O termo hegemonia foi historicamente utilizado com sentidos diferentes e até contraditórios. Já foi utilizada, por exemplo, com o sentido de hegemonismo ou liderança e como noção de consentimento. Mao Tse-tung usou hegemonismo com o sentido de domínio de um país sobre o outro. Lênin como os mencheviques, usavam o termo no sentido de liderança política na revolução democrática que se sustentava na aliança com os seguidores camponeses. Atribui-se a Gramsci, no entanto, o pleno desenvolvimento do conceito de hegemonia, na perspectiva marxista. Além de conceito chave, acredita-se que hegemonia seja a sua contribuição mais importante, em “Caderno do Cárcere”, para a teoria marxista. Antes da prisão, nas poucas vezes que fez referência ao termo, o sentido empregado era de estratégia usada pela classe operária. Em 1926, pouco antes de ir para a prisão, o conceito foi empregado no sentido de alianças que a classe operária deve usar para derrubar o estado burguês e instituir a base social do estado dos trabalhadores. Mais ou menos no mesmo período o termo foi utilizado para defender a idéia de que os proletários da União Soviética deveriam sacrificar seus interesses corporativos e econômicos para manter alianças com os camponeses atendendo dessa forma aos seus próprios interesses gerais. Nos Cadernos do Cárcere, vai além desse sentido e aplica o termo para explicar o modo com que a burguesia estabelece e mantém sua hegemonia. Nesse contexto, apoiando-se nas idéias de Machiavel e Pareto, e usando como exemplo histórico a revolução francesa e o *Risorgimento Italiano*, passa a ver o Estado como uma somatória de força mais consentimento. Afirmava que nas *condições modernas* o Estado domina não apenas pela organização específica da força, mas por romper com os interesses corporativos menores, fazendo concessões em determinados limites aos aliados de um bloco social de forças - denominado por ele de bloco histórico, e mantendo a liderança moral e intelectual. Bloco histórico representa a base de consentimento para que se estabeleça certa ordem social, cuja teia de instituições, relações sociais e idéias cria e recria a hegemonia de uma classe dominante. Os intelectuais, ou seja, aqueles que tem um papel organizativo na sociedade promovem esta *textura de hegemonia*. Com isso, Gramsci supera o conceito de hegemonia de Estado como instrumento de uma classe de Marx, Engels e Lênin. Apesar de considerar que as instituições de hegemonia encontram-se na sociedade civil, enquanto a sociedade política é arena das instituições políticas – sentido constitucional jurídico - Gramsci pontua que se trata de uma separação meramente metodológica e indica a sobreposição existente na realidade. No contexto de capitalismo organizado, dado pelas condições econômicas, em que as demandas na arena política exigem uma crescente intervenção do Estado na sociedade civil - atendendo às demandas da arena política decorrente da organização de sindicatos e de partidos de massa - ocorre uma mudança na forma de hegemonia e assume o que chama de revolução passiva. Assim, a hegemonia se sustenta mediante reformas ou concessões, o que garante a liderança de uma classe, mesmo atendendo certas exigências de outras classes. Cf. BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p.177-178.



Para Piccin (2010, p. 190-191):

Uma das inquietações do autor é com a tendência dos subordinados em não produzir relatos coerentes do mundo em que vivem com um potencial para contestar os relatos hegemônicos existentes. Isso não quer dizer que não produzam concepções próprias do mundo, mas de maneira inerentemente fragmentária, incoerentes, contraditórias e desprovidas de uma elaboração clara sobre as articulações de sua posição dentro das relações econômicas e políticas mais amplas.

Piccin (2010, p. 191) assinala também que Gramsci se afasta da idéia da “*falsa consciência*”, que remete “*vanguarda*” como detentora da verdadeira consciência que as massas deveriam assumir. Essa concepção desprezava os processos e particularidades históricas das formações sociais, e isso impedia a elaboração de “relatos pelos subordinados que identificassem corretamente as causas de suas privações e, portanto, da mobilização e a constituição de uma hegemonia alternativa.” Acreditava Gramsci que “Não nos deveria interessar dar lições, mas discutir e investigar os processos em pormenor, trabalhos em que todos participem, para que todos contribuam, em que todos sejam, ao mesmo tempo, mestres e discípulos” (apud PICCIN, 2010, p. 191).

Toda a produção intelectual de Gramsci esta permeada por essa abordagem que tem como marca a necessidade de a filosofia da práxis⁵ não se distanciar dos setores subalternos, pois só assim é possível dar ordenamento e respostas coerentes aos universos simbólicos desses setores. Dessa forma, a cultura popular é concebida pelo autor como a forma de visão de mundo dos setores subalternos ao mesmo tempo em que expressam sua condição de isolamento, subordinação e hierarquização (PICCIN, 2010).

Gramsci destaca o papel dos intelectuais no fomento de relações de diferentes classes sociais possibilitando como argumenta Mari (2003, p.1):

Uma visão de mundo mais unitária e hegemônica. E ao contrário da perspectiva filosófica do idealismo alemão, Gramsci destaca que todas as camadas sociais possuem seus intelectuais, uns sendo profissionais, outros incluso nesta categoria apenas por participarem de determinada visão de mundo.

A função orgânica dos intelectuais é de grande importância no processo de reprodução social, por ocuparem espaços sociais de decisão prática e teórica, entretanto,

⁵ Para Gramsci, tanto cultura quanto classe “têm suas raízes nas mesmas relações básicas de poder, por assumir integralmente a tese de Marx de que são as relações econômicas na sociedade que conferem dinâmica à história. Mas não via correspondências mecânicas entre estrutura econômica e as realidades socioculturais que se desenvolvem em determinada sociedade e em cada época. Pelo contrário, foi contra a simplificação dessas relações que Gramsci se insurgiu intelectualmente, referindo-se a esta como representante de uma fase infantil do marxismo, da filosofia da práxis”. Cf. (PICCIN, 2010, p.198)



a “principal função destes se encontra na formação de uma nova moral e uma nova cultura que podem ser entendidas também como uma contra-hegemonia, já que o objetivo final das lutas organizativas seria, no seu momento histórico, o socialismo” (MARI, 2003, p.1).

Para Gramsci (1982, p.3), considerando o lugar de origem de sua função essencial no mundo da produção econômica, cada grupo social:

Cria para si, ao mesmo tempo de um modo orgânico uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura de um novo direito, etc.

Não existe atividade humana, na concepção de Gramsci (1983, p.7-8) da qual é possível excluir toda intervenção intelectual, apesar de nem todos desempenharem na sociedade a função de intelectuais, todo homem de alguma maneira

Desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.

A questão da educação e o papel transformador da escola estão no centro das preocupações de Gramsci. A educação carrega a capacidade de formar os intelectuais capazes de engendrar uma nova cultura e contribuir no processo de criação de uma contra-hegemonia em relação hegemonia dominante, pois é no plano da consciência que os setores dominantes lançam mão de seus intelectuais para manterá dominação. A escola, portanto, desempenha um seu papel transformador no processo de libertação das consciências, dadas as desigualdades e injustiças, criando uma nova cultura.

Para Mari (2003, p.1) “não seria possível falar de intelectuais e hegemonia sem falar em educação e escola, objeto de intensa preocupação gramsciana, por ser um aparelho privado de hegemonia, chamado assim ao lado de outras formas organizativas da sociedade civil.”

Nessa perspectiva, coloca-se em questão um conceito de cultura que norteia as reflexões sobre o nosso objeto de pesquisa, qual seja “o conjunto de processos material e simbólico através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social” (CANCLINI; RONCAGLIOLO, 1988 apud FERREIRA, 1997, p.22-23).

O propósito, como sugere Mendonça (1997) é admitir um espaço teórico para a vigência de uma produção cultural fora do apelo mercantil que pressupõe a existência



de uma relação entre produtores e consumidores dos bens culturais, sem a necessidade de esclarecer deliberadamente o sentido das expressões culturais, levando-se em conta que produtores e consumidores, por compartilharem o mesmo universo simbólico legitimados pela proximidade e experiência de vida, são capazes de interpretar os significados e dar sentido ao que está sendo percebido, também por pactuarem o mesmo código.

Neste caso, busca-se compreender, como sugere Mendonça (1997, p.56) as condições que:

Favorecem ou impedem a sobrevivência de uma cultura autêntica e própria por que é, também, nesse campo de elaboração de significados e de criação cultural que os indivíduos podem ser considerados atores, sujeitos do processo de criação, de expressões e manifestações que representam suas formas de viver, de pensar, de conhecer e apreender o mundo.

Ao admitir a existência de sujeitos produtores de manifestações culturais com graus variados de autonomia, assinala-se para as idéias daqueles que simplificam cultura sob o rótulo de cultura global “ao mesmo tempo que admitem a falência do sujeito enquanto artífice de sua própria realidade e de sua própria cultura”. Mendonça (1997, p.56) aponta esse como ponto mais relevante no debate sobre a experiência cultural dos indivíduos nas sociedades contemporâneas. A autora argumenta que é necessário mudar o enfoque das análises sobre a produção cultural tanto nos formatos quanto nos conteúdos para compreender nesse processo o papel desempenhado pelo receptor e consumidor de cultura. Considera necessário “operar uma concepção de cultura e produção cultural que permita encontrar um lugar para a existência dos sujeitos”.

Canclini (1996) chama a atenção para a esquematização dicotômica que opõe o popular e o não popular, por continuar organizando boa parte do pensamento político e científico. Para o autor, não só setores conservadores mas também setores tidos como progressistas, que se ocupam de pesquisas sociológicas de processos modernos. Essas correntes nutridas pelo historicismo superam a *naturalização fundamentalista* dos processos sociais. Evidenciam-se mudanças de identidade em relação às mudanças históricas das forças produtivas e das relações de conflito na produção, propiciada pela noção de classe e luta de classe. Nesse sentido, o popular não é mais definido por uma série de traços internos, anteriores à massificação da cultura.

Para Canclini (1996), a corrente Gramscina, melhor representante desse historicismo, caracteriza o popular não pela sua essência, mas pela sua posição em



relação aos setores hegemônicos. Para o autor as dificuldades surgem porque muitos desses estudos conferem pouco ou nenhum peso à negociação. Para não cair nesse maniqueísmo é necessário considerar a possibilidade de “rede de intercâmbio, empréstimo e condicionamento recíproco” (CIRESE, 1979, p53-54 apud CANCLINI, 1996, p. 230), entre as culturas tidas como hegemônicas e populares.

Argumenta Canclini (1996, p.230) que, muitos estudos produzidos ao longo dos anos setenta e oitenta, na América Latina, costumam reduzir a um simples confronto bipolar a relação entre o hegemônico e o subalterno. Com isso, essas vertentes mais *políticas e voluntaristas do pensamento gramsciano* proclamou algo dificilmente comprovável que é uma autonomia e resistência das classes populares. Muitas dessas pesquisas se limitaram a realizar registros em que setores populares mantinham suas tradições, exaltando ações e pensamento de *base local* em contraponto à ideologia políticas hegemônicas. Para o autor, compartilham deste o *esquematismo* tendências do etnicismo antropológico e do socialismo cristão.

Canclini (1996, p. 231) considera que “a redução das interações entre classes a permanentes conflitos, bem como da política à guerra não permitiu uma maior atenção às cumplicidades e as usos recíprocos que se cruzam entre hegemônicos e subalternos” O autor ressalta que essa perspectiva tanto na sociologia quanto na antropologia e nos estudos da comunicação vai efetivando uma tripa reconceituação: “do poder, da ação dos subalternos e das relações interculturais”.

Pode-se dizer, nesse sentido, que o popular é entendido como a produção cultural que apresenta uma concepção particular do mundo e da vida, reflete:

O caráter coletivo dos processos, manifestações e bens próprios do povo. Esta produção não é necessariamente gerada por grupos ou indivíduos pertencentes às classes subalternas do ponto de vista da produção econômica, desde que represente a visão de mundo e os interesses que são próprios a estas classes” (FERREIRA,1996, p.30).

A partir desta reflexão, a autora apresenta em síntese, o seguinte quadro ao referir-se ao popular subalterno para Gramsci:

- o subalterno deve ser considerado como cenário policlassista, que inclui, mas transcende o especificamente operário;
- o popular é próprio das classes subalternas;
- o popular caracteriza-se como espaço onde coexistem concepções do mundo herdadas do passado (tradições) e elementos modernizantes, do mundo em formação, como consequência das atuais condições de vida das classes



subalternas;

- o popular caracteriza-se, ainda, como cenário contraditório no qual coabitam elementos culturais conservadores readaptados e ressignificados nas concepções de mundo das elites dominantes e elementos transformadores, derivados da práxis social das classes subalternas;
- o popular é, por definição, histórica e essencialmente oposto ao oficial ou, pelo menos, diferente dele.

O Lugar das Folia de Reis como manifestação da cultura popular

As Folia de Reis ainda preservam elementos de sua origem que remontam às denominadas epifanias. Em suas origens não havia data definida para as comemorações aconteciam em diferentes momentos. Com a unificação do calendário cristão realizado pelo Papa Julio I, em 367 d.C. fixou-se a data de 25 de dezembro para a festa do nascimento de Cristo e o dia 6 de janeiro para celebração e adoração dos Reis Magos. A Folia de Reis é composta de procissões e cortejos que representam a viagem dos Reis Magos vindos do Oriente em busca do Menino Jesus (KODAMA, 2007).

Em Portugal, a tradição das folia de reis remontam o início do século XIV, com o início de uma tradição religiosa que faz reverência à jornada dos reis Magos do Oriente – Baltazar, Melchior e Gaspar – descrita no Evangelho de Mateus e que relata que os magos “partiram de suas terras guiados pela luz de uma estrela resplandecente, chegaram à gruta, em Belém, na Judéia, para adorar o filho de Deus que havia nascido, ofertando-lhe régios presentes: Ouro, Incenso e Mirra” (SILVA, 2006, p. 13 apud POSSEBON; CANHAS, 2009, p 19)

Esse acontecimento origina a celebração da Folia de Reis que reúne fiéis movidos pela crença e devoção religiosa em diversos países da Europa e América e que contribui para a manutenção de tradições populares, em lugares distantes e diversos de suas significações originais. No Brasil, essa forma de manifestação cultural chega no século XVIII.

A festividade, no entanto, carrega na sua origem uma profunda marca pagã, sendo, por isso uma celebração popular que, ao mesmo tempo em se aproxima comporta uma carga de subversão a ordem religiosa institucional, ao fundir símbolos sagrados do cristianismo com satíricas, manifestações cômicas, e grotescas ancestrais.

A apresentação das Folia de Reis é tradicional manifestação popular da região de Ribeirão Preto. A festa foi oficializada na cidade por meio do ato 6412/92 e lei



complementar 9488/2002, fato que garante dotação específica para sua realização (organização e divulgação). Este caráter oficial já é uma adaptação ao crescimento das cidades e constante urbanização dessa forma de manifestação cultural.

O Encontro Nacional de Folia de Reis realizado em Ribeirão Preto já está se encaminhando para sua 19ª edição em 2011, sempre reunindo um grande número de participantes, tem apoio do poder público já que integra o calendário oficial de festividades de comemoração do aniversário da cidade.

Carmem Luiza Rezende (2007), organizadora do Encontro de Folia de Reis de Ribeirão Preto, argumenta que o evento tem suas características peculiares. “Nós entendemos que as pessoas vêm para Ribeirão Preto para se ouvir cantoria de Santo Reis”, diz. Resende considera que pessoal que vem de outras regiões de Minas Gerais, Paraná, Goiás, apreciam a Folia de Reis com “uma história de vida para recordar. A maioria que viveu ou vive na zona rural e em cidades pequenas, tem essa coisa de resgatar o passado.”

Na festa ocorrem procissões de cavalos, cultos a Nossa Senhora Aparecida, exposições de quadros, alimentos característicos de determinadas regiões e uma culinária especial. “Tudo na festa está ligado à religião”, afirma Resende.

Para Baltazar Aparecido Alves (2007), um dos organizadores da festa e líder de uma companhia de reis, a festa na cidade mantém tradições da época do império com inovações atuais e adaptações regionais.

Essas festas, entendo que só podem ter sido assim, já que em Portugal as comemorações de reis são diferentes. Lá eles batem nas portas das pessoas para buscar doces, dinheiro, etc. enquanto que nós festejamos os três reis magos. No Brasil há mudanças de estilo, de estado para estado, estilo de canto, estilo de evolução e estilo de vestimenta, no caso a farda como é chamada. Houve sim uma interferência nessa coisa da alegoria, já que as flores hoje são de tecido, de plástico ou de papel. Então a gente nota que vem lá da cultura inicial deles (português) e aqui nós no Brasil fomos acrescentando conforme aparece a oportunidade de acrescentar algo nos festejos.

A existência da folia de reis na cidade representa a capacidade que essa forma de manifestação da cultura tem em se adaptar a um tempo e lugar adversos aos de sua origem, capaz de resistir ao tempo, se renovar. Como argumenta Schmidt (2000, p.13-14) as manifestações populares:

Incorporaram outros códigos - códigos compatíveis - em sua organização estrutural resultante de vários fatores... (...) As festas não podem ser consideradas nem urbanas, nem rurais, pois são estruturadas através da coexistência desses dois universos. E também



a quantidade de festas e suas formas há muito não representam sua origem. (...) As alterações se processam durante um longo tempo e, quando manifestadas, representam aquele momento em que se dá a manifestação; ou seja, os códigos dessa época predominam e trazem novos significados para a festa. O povo se renova e renasce. A festa reconvertida traz novas dimensões.

A manifestação popular na busca de manter tradições muitas vezes é um artifício, uma dissimulação de uma ação política, uma ação solidária com significado do seu próprio tempo, mediada por intenções e novas concepções, o que pressupõe uma transformação no sentido de sua existência.

Sua existência nas grandes cidades pressupõe, para sua sobrevivência, uma série de adaptações, que ligadas à mudanças de costumes introduzidas com a urbanização. Na área rural a Folia de Reis a companhia começava suas andanças na noite de natal e os foliões cantavam todos os dias e noites em peregrinação, “por todas as casas das vilas e fazendas, sem retornarem para seus lares, até seis de Janeiro que é o dia de Reis.” Atualmente não se faz visitas em residências que não foram convidados, com antecedência pelo receio da aceitação por parte das famílias, por conta da diversidade de religiões e crenças e, com isso, algumas delas não toleram manifestações ligadas à tradição Católica. As visitas, em Ribeirão Preto normalmente são feitas durante “13 finais de semana (a tradição conta que a viagem dos reis magos durou treze dias), devido aos trabalhadores não poderem faltar do serviço durante a semana, para participarem da peregrinação.” Nas visitas são arrecadados dinheiro e alimentos para a festa do dia de Santos Reis, 6 de janeiro (POSSEBON; CANHAS, 2009, p.27-28).

Na fazenda é o seguinte, é muito diferente daqui. No dia 24 de dezembro, meia noite, rezava o terço. Aí saía com a Companhia, só ia voltar em casa no dia 6 de Janeiro. Não vinha em casa. Onze dias fora. Chegava tudo rouco, cantava a noite, quando chegava assim, queria descansar, então nas fazendas tinha aqueles paiol de milho num cesto assim, então a gente dormia naquele paiol ali, levantava cedo e saía pra frente. Então quando dava dia 6 ao meio dia, parava. Agora, aqui já é diferente porque todo mundo tá empregado né, então que nós faz, nós vamos sair agora sábado; canto sábado e domingo aí para, então vai cantar no outro sábado, só os fim de semana (ALVES, 2008 apud POSSEBON; CANHAS, 2009, p. 29).

Para Chiavenato (2009) as “manifestações religiosas populares eram e são muito fortes, estão muito entranhadas na alma popular brasileira, porque elas trazem raízes da África, raízes dos nossos índios, da cultura indígena, e aqui houve um sincretismo religioso.” Esses valores se interpenetram nos valores da religião católica, com o catolicismo. “E como escravos, índios e pobres em geral ficavam marginalizados da



participação das igrejas e não havia uma assistência, digamos, democrática da Igreja, igualitária para eles, eles criaram as suas próprias formas de se manifestarem religiosamente.”

Há mais de cinquenta anos, argumenta Chiavenato (2009) que a Igreja vem perdendo terreno no Brasil por uma série de fatores. Surgem outras religiões, pentecostais, por exemplo, a maior escolaridade do povo, a liberdade que as culturas populares vão adquirindo em relação, a própria democratização do país nesse período todo, “apesar dos interregnos de autoritarismo”, com isso a Igreja começa a perder terreno. Daí sobressai, “um olhar paternalista sobre essas manifestações populares”. De início começa a tolerar, depois começa a conviver, e no fim ela passa “a cooptar essas manifestações e usar, em seu proveito religioso. Manipulam-se essas manifestações até em proveito político daqueles que são seus aliados.”

Em Ribeirão Preto, particularmente, com o evento anualmente na Vila Virgínia, onde ocorre o encontro dos foliões:

40% do tempo é ocupado por uma missa que não tem sentido, por exemplo, a missa na igreja dura uma hora. Lá na Folia de Reis, da Vila na Vila Virgínia, ela dura de quatro horas a cinco horas, porque tem que dar voz a todos os políticos que comparecem, a todos aqueles líderes de comunidade, tem que *fazer média* com todo mundo etc. Com isso, decai não só a religiosidade popular, como a qualidade musical dos próprios foliões e da própria Folia (CHIAVENATO, 2009).

Quanto às tradições religiosas da folia de reis, Chiavenato (2009) entende que a trajetória dos três reis magos, significa um pretexto “Esse é o pretexto”, pois aqueles que vivenciam folia de reis no dia a dia tem pouca identidade com essa origem, pouco sabem sobre isso. Aquilo que cantam, por exemplo “é o veículo formal duma expressão cultural que tem um conteúdo muito mais autêntico.” Ou seja, aqueles que “trouxeram da idéia, um tipo de catolicismo, aqui no Brasil se confrontou com o sincretismo religioso” No Brasil, não encontrou só o sincretismo, “encontrou negro, índio, mulato, mameluco, pobre e tudo quanto é jeito de excluídos, aqueles que faziam as suas festas na periferia das cidades e nas roças, porque não lhes era permitido vir à cidade. Então, toda essa *salada cultural* produziu a Folia de Reis.” Tanto é que a folia de reis expressa essa diversidade nos instrumentos, “tem instrumentos europeus, instrumentos de índios e instrumentos de negros”.

Chiavenato (2009), considera que a idéia de “Folia de Reis pra turista”, como é feita por Secretarias de Cultura, não carrega a autenticidade da festa e pode servir como

forma de manipulação política, espaço em que não expressa na plenitude sua vocação profana.

Eu vi eles cantando uma música que é fantástica pelo aspecto profano dela. Eles cantavam o seguinte, [recitando] ‘Meu São Benedito é santo de preto. Ele bebe cachaça, ele ronca no peito’. [cantando] ‘E os santos reis... e os três reis do oriente... Meu São Benedito é santo de preto’.

Então, não tem nada a ver, sabe, a religião, hoje, é uma coisa, é um veículo, é um pretexto. E até esse pretexto já foi manipulado e já não é mais autêntico. A não ser que você vá em regiões onde ainda sobreviva essas coisas de raiz.

A festa, afirma Geraldo (2009) é um dos aspectos mais significativos da cultura, além disso, é um dos lugares privilegiados para o entendimento dos fenômenos da comunicação. Citando Ferreira (2000), o autor afirma que qualquer tipo de análise que tenha como propósito compreender a estrutura, a função e o seu significado, não pode prescindir de dois componentes básicos que são: a) o sentimento da festa que, no entendimento da autora, é o que promove uma atmosfera de participação intensa, “densa de conotação simbólica e mítica, desenvolvendo uma função imediata de coletividade catártica”; b) institucionalização da festa, refere-se a amplitude e complexidade da organização comunitária e a regulamentação da parte do grupo festivo, que cada festa comporta. No componente organizacional, argumenta Ferreira (2000, p.14-22), ao lado do elemento organizativo-comunitário, reside o “quadro de referência ideológico anteposto à festa, que se refere a um mito de origem ritual ou simbolicamente reatualizado; (...) à um momento crítico da existência ou a um evento histórico, social ou político, que deve ser comemorado ou reevocado, para vencer os percalços da cotidianidade através do fenômeno festivo”.

Para Canclini (1993, p.165 apud GERALDO, 2009, p.213) as festas sintetizam, “simbólica e materialmente, as mudanças dos povos que a fazem.” Expressam o estado atual dos conflitos e como fenômeno global abrange todos os aspectos da vida social ao mostrar o papel do econômico, do político do religioso e do estético, no processo de “transformação continuidade da cultura popular”. Para o autor existe uma continuidade entre a festa e a vida cotidiana, entre o que os povos ocidentais costumam distinguir como religiosos e profanos, o que implica em uma continuidade entre o tempo do trabalho e da festa, entre os elementos cotidianos e os cerimoniais.

A existência da folia de reis em cidades médias como Ribeirão Preto significa uma capacidade que manifestações da cultura em se adaptar a um tempo e lugar adversos aos de sua origem capaz de resistir ao tempo, se renovar.



Ferreira (2005, p. 73) entende que a festa deve ser percebida como:

Um conjunto de cerimoniais de caráter coletivo pela sua colocação dentro de um tempo delimitado, tido como ‘diverso’ da cotidianidade. Em qualquer tipo de festa, o grupo ou a comunidade interrompe o tempo ordinário para entrar, coletivamente, na dimensão de um tempo carregado de implicação cultural e de conotação psíquica própria, diferente daquele tempo ordinário ou cotidiano.

Ao tomar a cultura no seu sentido amplo, Ferreira (1995) considera que é no espaço cultural, na cotidianidade que se dão as relações das classes subalternas com o mundo material e com as classes hegemônicas. Argumenta que o espaço da manifestação cultural é o espaço de manifestação de conflitos, pois a cultura das classes subalternas é entendida somente a partir do processo ambíguo e conflitivo no qual ela se insere.

A cultura subalterna, portanto, nesse espaço de conflito e adaptação refuncionaliza as mensagens recebidas ao adaptá-las ao seu cotidiano. Nesse sentido, o mundo dos setores subalternos é estruturado não de forma harmoniosa, mas nem sempre conflitiva, com diferentes culturas e ideologias. “Como resultado deste exercício de sobrevivência, a cultura das classes subalternas não é homogênea, pois nela convivem a influência das classes hegemônicas e dos valores civilizatórios ancestrais em combinação com as características culturais geradas pela sua condição de classe oprimida” (FERREIRA, 1995, p. 25).

Considerações Finais

Ao refletir sobre alguns aspectos do encontro de Folia de Reis de Ribeirão Preto, este trabalho procurou oferecer uma contribuição para a compreensão cultura popular, dinâmica e histórica desse processo de conservação e renovação permanente de sentidos e valores.

As manifestações populares constituem em um lugar de afirmação em que consenso se constrói, preserva-se ou destrói-se, pois é um cenário privilegiado de confrontação de classes e de afirmação das *classes subalternas*.

A dinâmica histórica das apresentações das folia de reis é uma formas de confrontação da hegemonia pois o seu caráter de superação das adversidades constituem-se em uma ação conta-hegemonia, que busca a afirmação de valores e de práticas na dinâmica das transformações sociais, políticas, econômicas e espaciais, ocorridas nas últimas décadas.



O profano e o sagrado, em sua convivência latente, reforçam a idéia de que esta forma de manifestação cultural expõe os conflitos, pois os setores populares, bem como os valores da cultura das classes subalternas precisam ser entendidas na dimensão conflitiva do processo no qual elas se inserem.

Referências Bibliográficas

ALVES, Baltazar Aparecido. Entrevista realizada por Antonio Expedito de Figueiredo Filho. Ribeirão Preto, 20 Janeiro de 2007.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspecto da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHIAVENATO, Júlio. Entrevista realizada por Daniel Ap. Gutierrez. Ribeirão Preto, junho de 2009.

FERREIRA, Maria Nazareth (org.) *Cultura, comunicação e movimentos sociais*. São Paulo: CELACC, 1999.

_____. Org. *Cultura Subalterna e Neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina*. São Paulo: CELACC, 1997.

_____. *Festa como objeto de estudo: uma introdução*. São Paulo: CELACC-ECA/USP. Extraprensa, n.8, p.14-22, out.2000.

_____. Org. *Globalização e identidade cultural na América Latina*. São Paulo: CEBELA, 1995.

_____. *As festas populares na expansão do turismo*. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

GERALDO, S. Sobre cultura e a festa popular. In: OLIVEIRA, Dennis de; NOGUEIRA, Silas. *Mídia, cultura e violência*. São Paulo: CELACC –ECA USP, 2009. P. 205-217.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KODAMA, Katia Maria Roberto de Oliveira. *Folia de Reis: um “avatar” da cultura subalterna*. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador.

MAESTRI, Mário; CANDREVA, Luigi. *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARI, Cezar Luiz de. *O papel educador dos intelectuais na formação ideológica e hegemônica em Gramsci: uma perspectiva de emancipação humana*. 26ª Reunião Anual da Anped. Novo Governo. Novas Políticas. 5 a 8 de outubro de 2003 Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/cezarluizdemari.rtf>> Acesso em 12 nov. 2010.

MENDONÇA, Maira Luiza M. Comunicação, cultura e constituição de sujeitos. In: FERREIRA, Maria Nazareth (org.). *Cultura Subalterna e Neoliberalismo: a encruzilhada da América Latina*. São Paulo: CELACC, 1997. p.47-62



_____. Festas populares hoje: muito além da tradição. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. Anais eletrônicos...São Paulo:INTERCOM, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/indexbp.html>>. Acesso em: 22 maio 2001.

PICCIN, Marcos Botton. Gramsci e as culturas subordinadas. Revista *IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 4, n. 1, p. 171-202, jun./jul. 2010.

REZENDE, Carmem Luiza. Entrevista a Antonio Expedito de Figueiredo Filho, Ribeirão Preto, 16 Janeiro de 2007.

SADER, Emir Org. *Gramsci – poder, política e partido*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

SCHMIDT SILVA, Cristina. *Viva São Benedito!* - Festa popular e turismo religioso em tempo de globalização. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

POSSEBON, Alexandra F.; CANHAS, Larissa Regina N. *Folia de Reis no Jornalismo cultural em Ribeirão Preto*. Universidade de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2009. Monografia (graduação). 50 p.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.